GÊNERO, SEXUALIDADE E CURRÍCULO: O (A) SECUNDARISTA COMO SUJEITO(A) DA PESQUISA

Guilherme Rafael Portela (PIBIC/CNPQ), Rita de Cássia da Silva Oliveira (Orientadora) email: soliveira13@uol.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Educação.

Educação, Currículo.

Palavras-chave: Estudantes, Educação, Política, Empoderamento, Identidades.

Resumo

Esse resumo expandido resulta da produção de um artigo de iniciação científica de pesquisa de campo com abordagem quali-quantitativa que objetiva narrar e analisar a perspectiva que 100 secundaristas matriculados(as) no segundo ano do Ensino Médio em uma Escola Pública Estadual do município de Ponta Grossa- PR tiveram sobre estudar Gênero e Sexualidade na matéria de Sociologia. A produção na integra é dividida em duas partes, a primeira dissertando sobre os conceitos de Gênero, Sexualidade e Currículo e posteriormente as concepções estudantis captadas por um questionário sobre os dois temas principais. Serão abordadas nesse momento as considerações dos estudantes sobre estudar Gênero e Sexualidade.

Introdução

As discussões sobre currículo escolar e conteúdos como Gênero e Sexualidade ganharam relevância na mídia e na política na última década, sendo considerados por grupos conservadores como falsas ciências, ideologias e doutrinações. A chamada “ideologia de gênero”, expressão criada por esses grupos religiosos e/ou políticos de orientação neoliberal, afirma que a escola tornara-se um palco de doutrinação política e de manipulação de estudantes, tendo como foco a desconstrução das características culturais e sociais hegemônicas do homem e da mulher, o fim das famílias e a sexualização de crianças.

Sendo um argumento de senso comum, busca-se nessa pesquisa de abordagem quali-quantitativa possibilitar refutar essas falácias a partir de autores da área, narrando e analisando a perspectiva que 100 secundaristas matriculados(as) no segundo ano do Ensino Médio em uma Escola Pública Estadual do município de Ponta Grossa- PR tiveram sobre estudar Gênero e Sexualidade na matéria de Sociologia.

Material e Métodos

Para captação de dados utilizamos de um questionário aplicado a 100 secundaristas matriculados no segundo ano do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual de Ponta Grossa-PR. Essa quantidade se refere aos/às alunos(as) que primeiramente aceitaram responder o material e que foram à aula no dia que solicitou-se à direção da escola a sua aplicação, eles/elas já haviam estudado Gênero e Sexualidade em Sociologia no ano de 2018.

Essa pesquisa de campo de cunho quali-quantitativo, foi construída da seguinte maneira: após a leitura dos 100 questionários e de cada consideração estudantil, buscaram-se palavras chaves ou expressões que, diante das

interpretações, fossem comuns entre as respostas e pudessem se tornar tópicos referentes à ideia dos(as) estudante(s). Cada tópico apresenta as respostas que foram consideradas melhores estruturadas para expressar a ideia. Para manter o sigilo cada estudante secundarista é chamado de S1 a S100. O número na análise de dados refere-se à quantidade numérica e percentual de respostas em comum.

Resultados e Discussão

Gênero pode ser entendido como uma construção social sob o modo como uma dada sociedade determina historicamente, socialmente e fisicamente as condutas e comportamentos para o chamado binarismo de gênero – Homem e Mulher. Essas construções se diferem pelos períodos históricos e territorialidades, classificando ações do trabalho, da vida pessoal, de vestimentas, de hábitos que "devem" estar presentes e "não podem" vir a se misturar na dicotomia da construção do masculino e do feminino.

O conceito de Gênero, referencia-se a pesquisas antropológicas como a de Margaret Mead (2000), bem como sobre as considerações das experiências de vida de uma mulher em Simone de Beauvoir (1967), na produção de Judith Butler (2003) sobre corpo, identidade e performance do gênero e com a pesquisadora brasileira Guacira Lopes Louro (2004) diante dos corpos que rompem as fronteiras pré-determinadas ao homem e à mulher.

A Sexualidade como fenômeno científico transita nos aspectos de subjetividade, desejo, atração e também no campo político e histórico sobre o controle do corpo e da sexualidade. Michel Foucault (1988) a define como um dispositivo histórico, colocando-a como um condicionante das diversas experiências de um(a) indivíduo(a). Essa apropriação e significados, explica Louro (2000) é efetivada com um investimento de instituições como família, escola, igreja e legislações. Nesse sentido, segundo Butler (2003) na sociedade há uma busca pela determinação da heterossexualidade mesmo antes do nascimento de um indivíduo. Desse modo firma-se uma cultura de controle à performance de um corpo, o que institui o certo e o errado, exigindo que certas identidades não possam existir, tais como a população LGBT.

Portanto, como considera Louro (2000), a escola contribui na construção do Gênero e da Sexualidade, nas normas e padrões a serem seguidos, faz-se necessário considerar o currículo escolar, a formação de professores e que possibilidades de pensamentos os estudos desses dois temas podem ocasionar a superação de violências e empoderamento aos sujeitos, à sociedade.

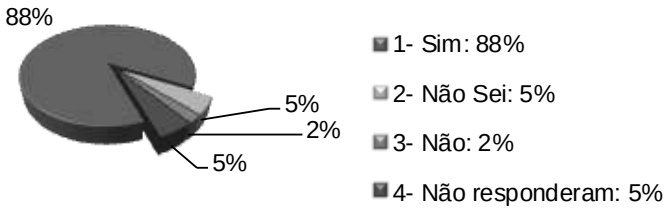
No currículo formal, na qual são selecionados intencionalmente os conteúdos, como afirma Silva (2005) e por isso torna-se um documento que firma identidades, sujeitos, o Gênero e Sexualidade encontram-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) como temas transversais, na Lei Maria da Penha (2006) como ferramenta de formação de planos didáticos, sendo retirado da BNCC (2017) a partir da reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/17), embora não seja impossível relacionar com a competência 5 das Ciências Humanas: "Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos".

Tendo em vista as considerações dos grupos conservadores sobre esses estudos, propõe-se nessa pesquisa expor a opinião dos próprios estudantes que embora sejam os maiores usufruidores do currículo e do ensino, são os que menos participam e discutem sua construção. Nesse momento, apresenta-se um recorte

da pesquisa intitulado Considerações secundaristas sobre estudar Gênero e Sexualidade.

Os sujeitos se autoidentificaram como: 52 mulheres, 48 homens, 82 responderam ser heterossexuais, 11 bissexuais, 4 homossexuais e 3 não sabiam sua sexualidade. Correspondente à cor obteve-se: 26 pardos(as), 7 pretos(as), 3 amarelos(as) e 4 responderam não saber Estabelecemos aqui as relações que esses(as) secundaristas apreenderam após suas reflexões nas aulas. Sobre a relevância e importância dos conteúdos as respostas solidificaram-se no seguinte levantamento:

Gráfico 1: Considerações de importância aos estudos de Gênero e Sexualidade



Fonte: Organização dos autores

Dentre as considerações positivas (item 1: 88; 88%) sobre estudar Gênero e Sexualidade, as respostas foram subdivididas entre os seguintes pontos e quantidades:

1- Consideraram importante para romper com preconceitos e discriminações (46; 46%): como diria S1: “Esses conteúdos não são trabalhados em outros lugares então ao serem aplicados no ambiente escolar se torna de grande importância para quebrar preconceitos e auxiliar nosso conhecimento” e S4 “Foi muito bom para que eu ensine aos meus filhos sobre o respeito que se deve ter para com os outros e foi um aprendizado que foi aprendido muito na prática eu gostei muito disso”.

2- Apreensão de conhecimento (26; 26%): orientado por posicionamentos como de S22 “Porque é difícil você saber isso, tipo você vê na rua mas dificilmente você para pra perguntar sobre, e na internet tem muita coisa que é mentira então acho importante ter isso na escola”, seguido de S62 “Sim, pois é muito importante aprender o que significa cada coisa e também para ajudar as pessoas terem uma visão mais ampla de como cada pessoa é”.

3- Reconhecimento da própria identidade de Gênero e Sexualidade: (6; 6%): guia-se aqui por S5 “Porque eu aprendi muito sobre minha sexualidade e identidade de gênero e aprendi muito sobre as outras também” e S50 “Para saber mais sobre nós mesmos, se temos dúvidas em algo, e para poder entender não só nós, mas nossos amigos”.

4- Consideraram importante e não responderam: (10; 10%).

Os/As que marcaram não saber, mas responderam (item 2): correspondem a 2 (2%), colocando que: S69 “Não acho que seja desnecessário mas não acho obrigatório e S61 “Não acho importante para ser um conteúdo de escola”, os demais 3 (3%) não responderam. Apenas 2 (2%), (item 3), julgaram não ser importante e também não responderam. Finaliza-se então com 5 (5%), (item 4), que não responderam nenhum campo.

Em análise, as construções discursivas respondidas nesse levantamento transpassam os limites de conhecimento de literaturas, teorias e pesquisas

ISSN 1676-0093

científicas, elas são tomadas por uma conscientização política e reflexão sobre a própria existência, vida e oportunidades, lê-se isso em S1, S62, S5 e S50.

Conclusões

Essa produção é a narração de uma única escola em que os(as) secundaristas consideraram, majoritariamente, a relevância de repensar posturas preconceituosas, discriminatórias e violentas, nas identidades de Gênero e Sexualidade, por meio do conhecimento e do compartilhamento de ideias. E é a partir de pesquisas como essas que se pode expandir e democratizar com coerência e objetivos os estudos de Gênero e Sexualidade, principalmente na formação de professores, tendo como referência seu efeito cultural, intelectual e político para a formação de jovens e gerações conscientes e livres de posturas opressoras.

Agradecimentos

À minha orientadora Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira, por aceitar meu projeto de pesquisa, pela confiança, apoio e dedicação em construir comigo essa produção. Á UEPG, ao CNPq, aos/ as 100 estudantes que aceitaram responder o questionário investigativo e dividir comigo suas reflexões teóricas e pessoais.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Mara Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. Tradução de Rosa Krausz. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto Ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF. 1998.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.